



“Como chefe, Bino era centralizador. Como piloto, não era de dividir oportunidades na equipe. Greco era hábil com as pessoas, um excelente relações-públicas.”

Tributo a Bino e Greco

NA CHEFIA DA EQUIPE WILLYS, O TALENTO DELES FAZIA A DIFERENÇA

Ele se tornou, talvez, a figura mais importante do automobilismo esportivo brasileiro. Luiz Antônio Greco era uma espécie de secretário, um assistente de Christian Heins, o “Bino”, que foi o primeiro chefe da Equipe Willys. Greco sempre gostou muito de corridas de automóveis. Também pilotava, mas foi antes de tudo um grande articulador.

Christian Heins foi contratado para coordenar a montagem e dirigir a primeira fábrica dos Willys Interlagos no Brasil – na verdade, uma fabriquetinha na rua Barão de Ladário, em São Paulo. Lá, ele não só cuidava da produção como também começava a organizar o departamento de competições da Willys.

Uma dessas corridas, em Interlagos, foi inesquecível. Eu participei com um Lancia, junto com Celso Lara Barbieris e Roberto Gallucci, que guiavam uma Ferrari. Eram três pilotos para dois carros. O Marinho, meu colega na Vemag, foi correr com o Chico Landi em um Porsche Super 90. Eram dois astros em um supercarro para a época. O grande adversário deles era o Christian Heins, na Berlineta da Willys. Aquela foi uma corrida maravilhosa, com os dois carros se pegando até o último instante, e Christian e sua Berlineta acabaram ganhando com um tempo de volta muito bom. Na mesma época, Bino foi convidado para guiar o Renault Alpine em Le Mans, onde acabaria morrendo em um acidente em que seu carro incendiou-se.

Da noite para o dia, todo aquele projeto do departamento de competição que Christian Heins vinha conduzindo na Willys perdeu o seu mentor. Ficou uma imensa tristeza pela perda do grande ídolo. Um ídolo tão grande que Christian Fittipaldi, filho de

Wilsinho Fittipaldi, ganhou o nome justamente em homenagem ao Bino. Substituí-lo na equipe seria tarefa difícil. Como chefe, Bino era centralizador. Como piloto, não era pródigo em dividir oportunidades na pista. Algo muito normal, humano até – como hoje ocorre, por exemplo, com Schumacher. Essa é a regra do jogo. Mas foi ali, em meio àquela tragédia toda, que começou também uma nova fase na vida de Luiz Antônio Greco.

Com a morte do titular Bino, ele acabou assumindo a chefia da Equipe Willys. Lembro-me bem das palavras de Greco na noite em que ele foi me buscar em casa para trocar a Vemag pela Willys: “Quem manda lá agora sou eu”. De cara nem acreditei, porque o Greco sempre foi muito “cascateiro” – no bom sentido, é claro... Além disso, apesar de ser meu amigo, até ali, para mim, ele não passava de um segundo homem, uma espécie de secretário do Bino. Mas o Greco estava falando a verdade. “Tenho carta branca para tocar o departamento de competição e vim aqui buscar você.” Com aquele jeito dele, convenceu-me de que eu era um profissional e que deveria aceitar o convite.

Ex-relojoeiro, como seu pai, Greco era um homem hábil no tratamento com as pessoas, um excelente relações-públicas. E isso deve ter ajudado muito na decisão do presidente da Willys, William Max Pearce (que ele apelidou de “Pai Branco”), em convidá-lo para ocupar o lugar que foi do Bino. Como chefe de equipe, ele tratou logo de chamar os melhores profissionais e conquistou muitas vitórias para a marca. Isso tudo era o Greco, uma figura incomparável.